



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correio.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

AS LATAS VELHAS

Das imagens que mais determinam a diferença entre a conta bancária do Plano Piloto e da periferia, uma das que mais me comovem são os carros velhos. A teimosia das latas enferrujadas gorgorejando seus motores cansados, sacolejando nas buraqueiras das ruas sem calçamento, me fazem acreditar que os carros da periferia têm sentimentos, gemem de dores nas artérias, resistem a sair de casa de manhã cedo e são de uma utilidade incomparável.

Vejam os carrões do Plano Piloto e adjacências nobres. Transportam somente o motorista, mesmo as perus e as minivans dificilmente têm mais de um ocupante, exceto as que levam e buscam os meninos na escola. São carros indiferentes na sua beleza em série. Com o surgimento das películas, fica a impressão de que a cidade foi invadida por robôs de quatro rodas. Não se vê gente dentro dos carros, só o vidro fumê com seu aviso implícito de sai pra lá, seu abelhudo.

As simpáticas latas velhas, não, elas transportam gente. Olhe só lá dentro: pai, mãe, vovó, meninos no banco de trás. No Passat caidinho que me acompanhou durante toda a descida de So-

bradinho até o balão do Torto, havia dois coelhinhos de Páscoa no banco traseiro. Dois garotos com bigodes, olhões e nariz desenhados a lápis. Na frente, a mãe-motorista dominava seu Passat que um dia foi branco. O carro está sujo de lama vermelha, tem um amassado no lado do motorista, mas nem por isso deixa de obedecer diligentemente ao comando da dona. A moça deve ser professora. Há um adesivo no pára-brisa traseiro: "Você ainda vai precisar de um médico, um advogado, um doutor, mas antes vai precisar de um professor". (Belíssimo slogan, merecedor das campanhas do Sindicato dos Professores, que, aliás, anda precisando melhorar a qualidade

de seus apelos publicitários.)

Passat, Variant, Brasília, Caravan, Corcel, Fusca (claro!), Kombi, Chevette, Del Rey, Fiat Mille, Fiat 147, Gol, um desfile de carros que já serviram a uma sucessão de famílias e que continuam, miraculosamente, a transportar gente, a carregar colchões, ferramentas, pequenos móveis, equipamentos de trabalho, coxinhas, cachorros-quentes, cervejas e refrigerantes. Carros como a Variant parada na porta da Água Mineral que serve de lanchonete para os esfomeados freqüentadores do lugar.

As latas velhas, com todo o respeito, são o ganha-pão da gente modesta que põe R\$ 10 de gasolina e reza pra chegar ao destino, que leva uma chupeta no

porta-mala pra acordar a bateria preguiçosa, que só compra pneu recachulado e que na hora de vender aceita qualquer negócio em troca, num esombo onde o dinheiro passa longe.

De vez em quando, alguma autoridade fala em retirar as latas velhas da rua. Argumenta-se que eles atrapalham o trânsito e põem em risco a vida dos ocupantes. Não sei o que revelam as estatísticas, mas as notícias de jornal mostram carros último modelo envolvidos em acidentes graves. Quanto mais veloz, mais ameaçador.

As latas velhas seguem, na sua cansada rouquidão, a servir as famílias e os trabalhadores modestos. Com simpática e quase humana teimosia.